

## NOTA PÚBLICA

### **Solidariedade a Breno Altman frente aos covardes**

O jornalista Breno Altman, que serviu à raça humana demonstrando o que de fato é e sempre foi o sionismo, de plano genocidário para a Palestina desde seu nascedouro, quase 130 anos atrás, a aliado dos nazistas e perpetrador da primeira solução final televisionada da história, o seguimento do genocídio palestino em Gaza, acaba de ser condenado, por decisão do juiz Fabricio Reali Zia, a três meses de prisão em regime aberto. O "crime": designar dois sionistas de covardes por não aceitarem debater com ele sobre, vejam só, o sionismo. Não os acusou de genocidas, nem mesmo de incitadores ou apoiadores do genocídio, apenas de covardes, aliás, algo natural e próprio de todo sionista quando não armado frente a uma criança palestina desarmada. Também os acusou de "desqualificados", o que, de fato, são, salvo se qualifique a defesa do extermínio de outro povo e do regime que o executa.

Os "ofendidos" que buscaram socorro no judiciário são **André Lajst**, que presidente a organização lobista pró-Israel StandWithUs Brasil e se jacta de ter servido às forças de ocupação "israelenses", que há 77 anos promovem o extermínio do povo palestino, e **Alexandre Schwartzman**, apresentado como economista e que passa por "comentarista" no jornal da TV Cultura, bancada a partir da qual, em defesa do genocídio na Palestina, referiu-se ao presidente da FEPAL, Ualid Rabah, quando ouvido pelo jornalismo da emissora acerca do tema, como "o cara da FEPAL". Como se vê, dois notórios defensores de "israel" e de seus crimes de lesa-humanidade na Palestina, cometidos, frise-se, do Rio ao Mar, conforme incontáveis relatórios da ONU e das mais prestigiadas ONGs internacionais de direitos humanos, indo de Apartheid (supremacismo judaico) a colonialismo, de estupro como arma de guerra a genocídio (e limpeza étnica), apurado agora pela Corte Internacional de Justiça, a pedido da África do Sul, apoio pelo Brasil e incontáveis outros países.

O que assusta os defensores de "israel", até meses atrás intocáveis e figuras usuais em rodas "elegantes", é que suas verdadeiras faces agora aparecem translúcidas, sem máscaras de "povo eleito", a "única democracia do Oriente Médio", o "exército mais moral do mundo" e outros mitos que sustentam o colonialismo supremacista "ocidental". Suas faces foram substituídas pelas das crianças palestinas dilaceradas por "israel", no maior extermínio de crianças da história ("israel"



exterminou 9.460 crianças palestinas por milhão, isto é, 3,36 vezes a matança infantil no período hitleriano, que foi de 2.813 por milhão, em toda a Europa, em 6 anos).

Breno Altman incomodou os sionistas ao colocar o dedo na ferida: o problema é exatamente o sionismo, não apenas "israel" ou sua demografia judaica, importada para o projeto colonial e genocidário de substituição da população palestina originária e fanatizada neste mister. Mais do que isso, Altman demonstrou que é justamente o sionismo que joga parcela dos professantes do judaísmo nesta armadilha e os captura para plano de extermínio análogo ao nazista.

Altman, na obra "Contra o Sionismo: Retrato de uma Doutrina Colonial e Racista", fez acessível aos leigos a compreensão do que é o sionismo: ele não é o "nacionalismo judaico" para a "autodeterminação" do "povo judeu", mas ideologia racista e colonial, que usa o sofrimento dos euro-judeus que pereceram nos campos de concentração, como familiares do próprio Altman, para justificar a solução final que os sionistas aplicam ao povo palestino. Na obra, como nos debates em seus lançamentos, Altman prova que os sionistas se aliaram ao nazismo de 1933 a 1939 (Acordo Haavara, que uniu a Federação Sionista da Alemanha, o Banco Anglo-Palestina, mera fachada para o Fundo Nacional Judeu, que financiava a colonização da Palestina, e as autoridades econômicas da Alemanha nazista) para obterem a emigração de alemães judeus à Palestina.

Kapos (judeus que colaboraram com os nazistas, mesmo nos campos de concentração), portanto, são os sionistas, inclusive os atuais, jamais Altman. Ele apenas reagiu a esta acusação indecente, e não apenas porque nunca foi kapo, mas porque não poderia silenciar frente aos verdadeiros kapos, que não reúnem autoridades moral, ética, política ou intelectual para formular tal acusação, pois expressam hoje a exata visão dos aliados dos nazistas e aplicam-na na Palestina.

Por tudo isso, a total solidariedade ao jornalista Breno Altman e veemente repulsa aos seus detratores. Para além disso, nossa preocupação diante da decisão judicial que sinaliza perigosa cruzada judiciária, de perseguição totalitária dos defensores da Palestina no Brasil, já denunciada, por esta FEPAL, ainda em 7 de outubro do ano passado.

Palestina Livre a partir do Brasil, 28 de agosto de 2024, 77º ano da Nakba.

